

Udo

## O Homem do Ano e a violência dos preconceitos com o cinema brasileiro

Alípi, me dá uma 51. Pra bater a tremedeira.  
(Eles não usam Black Tie)

O Homem do Ano não é mais um dos filmes nacionais que retratam a violência e a pobreza que há no Brasil. A violência e a pobreza que o filme mostra é apenas o pano de fundo para uma história de vitórias. O que o filme, baseado na obra *O Matador* (de Patrícia Melo), nos traz é uma história de superação das contingências, e o pano de fundo justifica-se por essa história se passar no Brasil, país que pertence à gaveta do Terceiro Mundo, onde é comum encontrarmos pobreza e violência.

Esse fator Terceiro Mundo como pano de fundo para as histórias é frequente no cinema brasileiro, e acho que isso é um fator positivo. O cinema tem importante papel educativo, e para isso não é necessário ser chato. Por exemplo, *Cidade Baixa*, de Sérgio Machado, que conta uma história de um triângulo amoroso que se passa nos subúrbios de Salvador. O filme mergulha no universo do subúrbio, e parece justo vermos alguma “buceta”, ouvirmos algum “filho da puta”, sairmos sujos de sangue, cheirarmos algumas linhas e, enfim, viver intensamente um triângulo amoroso. Mas que merda aprendemos com isso? Vejo dois aprendizados bem claros: um que a amizade vale mais que uma puta, e o outro de que uma puta também ama. Não sei que porra de aprendizado podemos ter, mas ver o Wagner Moura e o Lázaro Ramos se dando pau pelos becos de Salvador é algo intenso, que substitui um potencial de violência que todos temos, para um sentimento mais nobre que não sei explicar, talvez seja algo como piedade, mas não é bem isso.

Voltando ao *Homem do Ano*, dirigido por José Henrique Fonseca, e sua história das vitórias contingenciais de Máiquel, interpretado por Murilo Benício: a história inicia com o pagamento de uma aposta de futebol, feita por Máiquel, que pinta seus cabelos de loiro. Disso já temos um personagem fiel, que paga o que deve, mesmo que o preço seja caro, e nos identificamos com ele, não é? Eu pelo mesmo costume pagar o que devo, mais do que nego, então já posso me identificar com o Máiquel. Segundo, ele passa a se achar bonito com seus cabelos loiros, eu nunca que achei Murilo Benício bonito, nem pintado de ouro, porque sou chegado em outra fruta, também é normal nós nos acharmos bonitos, ao menos vez ou outra. Então, o Máiquel, com seus cabelos loiros, tem sua autoestima energizada e conquista a cabeleireira que fez o trabalho para ele. O mais posso contar é que logo ele mata um cara, seguindo esses mesmos motivos lógicos e contingentes da vida, e se torna o matador. É um filme excelente, baseado numa obra que provoca uma boa intensidade de leitura. *Cidade Baixa*, que acabei expondo aqui, também é um ótimo filme, um ótimo filme brasileiro.

Tiago Cesar Hall